

Quando a Cruz é Substituída pela Estrela de Davi

Os Evangélicos estão Idolatrando Israel e se Esquecendo do Evangelho



revista cristã
última chamada

César Francisco Raymundo

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

Quando a Cruz é Substituída pela Estrela de Davi

Os Evangélicos estão Idolatrando Israel
e se Esquecendo do Evangelho

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Quando a Cruz é Substituída pela Estrela de Davi

*Os Evangélicos estão Idolatrando Israel
e se Esquecendo do Evangelho*

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem feita por IA)

Este e-book é uma paráfrase livre e criativa do livro
La Mitologia Del Rapto Secreto de Gilberto Miguel Rufat
Texas, 2017

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Agosto de 2026

Índice

Sobre o autor	07
Introdução	08
Capítulo 1	
Quando a Estrela de Davi Toma o Lugar da Cruz	12
Capítulo 2	
Quando um símbolo nacional ocupa o lugar do Evangelho	15
Capítulo 3	
O Que o Novo Testamento Diz Sobre Israel	17
Capítulo 4	
A Cruz Deve Voltar ao Centro	19
Conclusão	
De Volta à Cruz	21
Apêndice	
Absurdos Recentes sobre Antissemitismo	
Por Dr. Samuel M. Frost	22
Referências Bibliográficas	28
Obras importantes para pesquisa...	30

Sobre o Autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a teoria da Escatologia Concreta, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o Conceito de História Interrompida que pode ser encontrado em seu e-book intitulado "História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo".

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro Comentário Preterista sobre o Apocalipse, além de ser autor do primeiro Dicionário de Escatologia do Preterismo e da primeira Bíblia de Estudo Preterista Parcial do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

- Introdução -

No início da minha caminhada na fé, lembro-me muito bem de como muitos pastores e líderes evangélicos se posicionavam contra crucifixos e imagens de Jesus. Ensinava-se que o cristão deveria ter cuidado com representações religiosas para não transformar símbolos em objetos de veneração.

Na época, eu compreendia essa preocupação.

Mas, com o passar dos anos, comecei a perceber algo que me pareceu uma grande contradição.

Os mesmos ambientes cristãos que demonstravam tanta resistência à representação da cruz ou à imagem de Cristo passaram, em muitos casos, a introduzir em suas igrejas a Estrela de Davi, o conhecido hexagrama associado ao judaísmo e atualmente presente na bandeira do Estado de Israel.

E então surge uma pergunta inevitável:

Por que um símbolo cristão é tratado com desconfiança, enquanto um símbolo associado a Israel é recebido dentro da igreja com tanta naturalidade?

A questão não está simplesmente no desenho de uma estrela de seis pontas. O hexagrama possui uma história muito mais antiga e

complexa do que sua associação moderna com o judaísmo. Ele apareceu em diferentes culturas e contextos ao longo da história e somente posteriormente adquiriu a forte identidade judaica que possui atualmente.

Portanto, o problema que este livro pretende examinar não é a existência de um símbolo geométrico, nem o povo judeu, nem qualquer indivíduo por causa de sua origem.

O problema é o lugar que Israel e seus símbolos passaram a ocupar dentro de determinadas expressões do cristianismo evangélico.

É possível que uma bandeira nacional seja colocada dentro de uma igreja sem que isso tenha qualquer significado espiritual. Mas também é possível que, pouco a pouco, símbolos nacionais, conceitos políticos e expectativas relacionadas ao Israel moderno sejam incorporados à fé cristã como se fossem elementos indispensáveis do Evangelho.

É aí que precisamos parar e perguntar:

Onde termina o respeito pela história de Israel e onde começa a exaltação religiosa de Israel?

Essa pergunta é especialmente importante porque o cristianismo não encontra seu centro em uma bandeira, em um território ou em uma cidade terrestre.

O centro do cristianismo é Jesus Cristo.

As Escrituras apresentam uma história que caminha em direção a Cristo. As promessas, alianças, figuras e expectativas do Antigo Testamento encontram nele seu cumprimento e sua plenitude. A nova aliança não pode ser compreendida como uma simples volta ao

antigo sistema, nem a identidade do povo de Deus pode ser reduzida à existência de uma nação moderna.

Kenneth L. Gentry Jr., em seu estudo sobre Israel e o Reino de Deus, trabalha justamente essa questão, mostrando a necessidade de compreender Israel à luz do desenvolvimento das promessas bíblicas e da relação entre Israel e a Igreja.

É por isso que este livro não pretende atacar judeus.

Não é um livro contra o povo judeu.

Também não é uma tentativa de apagar a importância de Israel na história bíblica.

É uma reflexão sobre o que acontece quando Israel passa a ocupar, na imaginação cristã, um espaço que pertence exclusivamente a Cristo.

Quando a cruz é vista como problemática, mas a Estrela de Davi é celebrada como símbolo quase sagrado; quando Jerusalém terrestre passa a ocupar o centro da esperança cristã; quando o Estado moderno de Israel é tratado como se fosse simplesmente a continuação política do Israel bíblico; e quando o apoio a uma nação começa a ser confundido com fidelidade ao próprio Deus, precisamos voltar às Escrituras.

Precisamos voltar ao Evangelho.

Precisamos voltar à Cruz.

A questão fundamental deste livro, portanto, não é:

“Você é a favor ou contra Israel?”

A pergunta é muito mais profunda:

“Quem ocupa o centro da fé cristã: Israel ou Cristo?”

Porque o cristianismo não foi estabelecido sobre a bandeira de uma nação.

Foi estabelecido sobre a pessoa e a obra de Jesus Cristo.

E se a Cruz começa a perder espaço enquanto a Estrela ganha espaço, talvez seja hora de perguntar se não estamos, pouco a pouco, substituindo o centro do Evangelho.

É sobre isso que trataremos nas páginas seguintes.

- Capítulo 1 –

Quando a Estrela de Davi Toma o Lugar da Cruz

Há algo que precisa ser dito com clareza: o problema não está em reconhecer a importância de Israel na história bíblica. A Bíblia não permite que ignoremos a história de Israel, os patriarcas, os profetas, as promessas e a própria origem humana de Jesus.

O problema começa quando Israel deixa de ocupar seu lugar dentro da história da redenção e passa a ocupar, na devoção cristã, um lugar que pertence exclusivamente a Cristo.

Durante muito tempo, em determinados ambientes evangélicos, havia forte rejeição ao uso de imagens religiosas. Crucifixos, por exemplo, eram vistos como símbolos inadequados para a fé cristã. A preocupação era legítima: não transformar um objeto em instrumento de devoção.

Entretanto, é curioso observar que, em muitos desses mesmos ambientes, a cruz foi progressivamente acompanhada — e, às vezes, visualmente substituída — pela Estrela de Davi, pela bandeira de Israel e por outros símbolos ligados ao Estado moderno de Israel.

Surge então uma pergunta inevitável:

Estamos diante de uma simples referência histórica ou de uma nova forma de devoção religiosa?

A questão não é se podemos gostar de Israel. A questão é: qual deve ser o centro da fé cristã?

Paulo foi direto:

“Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”.

- Gálatas 6:14

A glória do cristão está na cruz, não em uma nação, em uma bandeira ou em um símbolo nacional.

Jesus também deslocou o centro da adoração para uma realidade que não estaria limitada a um determinado território. Ao conversar com a mulher samaritana, declarou:

“Vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade”.

- João 4:23

O Evangelho não criou uma religião centrada em Jerusalém, em uma bandeira ou em um símbolo nacional. Ele anunciou um Reino cujo Rei é Jesus Cristo. Isso não significa desprezar os judeus ou negar a importância histórica de Israel. Significa simplesmente colocar cada coisa em seu devido lugar. A Igreja não recebeu a missão de exaltar uma bandeira. Recebeu a missão de anunciar Cristo crucificado e ressuscitado. O perigo começa quando aquilo que deveria apontar para Cristo passa a ocupar o centro da nossa atenção.

A cruz nos lembra do sacrifício de Cristo.

A ressurreição nos lembra de sua vitória.

O Evangelho nos chama a todas as nações.

Mas uma estrela, uma bandeira ou qualquer outro símbolo nacional jamais poderá substituir aquilo que Cristo realizou. Paulo não disse:

“Longe esteja de mim gloriar-me na identidade nacional de Israel”.

Disse:

“Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”.

- Gálatas 6:14

E talvez seja justamente aqui que precisamos começar a fazer uma pergunta incômoda:

Quando a Estrela de Davi se torna mais visível em nossas igrejas do que a cruz de Cristo, o que exatamente estamos celebrando?

Essa pergunta nos conduz a uma questão ainda mais profunda: como um símbolo que nem sequer aparece na Bíblia passou a ocupar tamanho espaço na espiritualidade de muitos cristãos?

- Capítulo 2 –

Quando um Símbolo Nacional Ocupa o Lugar do Evangelho

A questão não é simplesmente a existência de uma bandeira de Israel dentro de uma igreja. O problema surge quando um símbolo nacional passa a ocupar um espaço que deveria pertencer à identidade do Evangelho. Israel é uma realidade histórica e bíblica, mas o Estado moderno de Israel não é a Igreja. A Nova Aliança não estabeleceu uma nação como centro da fé cristã. Em Cristo, a Igreja é formada por pessoas de “toda tribo, língua, povo e nação” (Apocalipse 7:9).

Há ainda uma questão de testemunho. Quando bandeiras de Israel são exibidas nas igrejas, especialmente acompanhadas de discursos hostis aos muçulmanos ou aos povos árabes, corre-se o risco de transmitir a impressão de que o cristianismo é identificado com um conflito político ou nacional. Isso contradiz a universalidade da mensagem cristã. Jesus ordenou:

“Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”.

- Marcos 16:15

A Igreja não foi chamada para odiar povos, mas para anunciar Cristo. Podemos rejeitar o Islamismo sem odiar os muçulmanos; podemos criticar governos sem transformar nacionalidades em

inimigas. A identidade da Igreja não está na bandeira de Israel, mas na cruz de Cristo.

Quando a estrela de Davi recebe mais destaque que a cruz, precisamos perguntar: estamos honrando a história bíblica ou substituindo, pouco a pouco, o centro do Evangelho?

- Capítulo 3 –

O Que o Novo Testamento Diz Sobre Israel

O Novo Testamento não apresenta Israel como o centro permanente do plano de Deus. Cristo é o centro. As promessas feitas a Israel encontram seu cumprimento em Jesus Cristo. Paulo afirma que “todas quantas promessas há de Deus, são nele sim” (2 Coríntios 1:20).

Cristo é o cumprimento das promessas

Jesus não veio simplesmente acrescentar uma nova religião ao judaísmo. Ele veio cumprir as Escrituras e estabelecer a Nova Aliança. Por isso, o foco da fé cristã não pode ser transferido de Cristo para uma nação, um território ou um símbolo nacional.

A Igreja e o verdadeiro povo de Deus

Em Cristo, judeus e gentios são reunidos em um só povo. Paulo declara:

“Não há judeu nem grego... porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.

- Gálatas 3:28

A Igreja não é um plano secundário de Deus enquanto Israel permanece como protagonista. Em Cristo, as barreiras foram derrubadas e os povos são chamados a fazer parte de um único corpo.

As promessas não terminam em uma bandeira

As promessas bíblicas são muito maiores do que a existência de um Estado moderno. O propósito de Deus é reunir todas as coisas em Cristo (Efésios 1:10). Por isso, quando a Igreja passa a olhar mais para Jerusalém, para a bandeira de Israel ou para acontecimentos políticos do Oriente Médio do que para Cristo e o avanço do seu Reino, existe o perigo de perder o foco do próprio Evangelho.

A Bíblia não nos chama a idolatrar Israel. Ela nos chama a adorar Jesus Cristo.

- Capítulo 4 – A Cruz Deve Voltar ao Centro

A questão apresentada neste e-book não é contra o povo judeu, nem contra Israel. É contra a substituição do centro da fé cristã. A Igreja nasceu aos pés da cruz e foi enviada às nações. Seu símbolo, sua esperança e sua mensagem devem apontar para Jesus Cristo. Durante muito tempo, muitos evangélicos rejeitaram imagens e símbolos religiosos por entenderem que poderiam desviar a atenção de Deus. É preciso, portanto, ter coerência: não devemos retirar a cruz por medo de idolatria e, ao mesmo tempo, colocar símbolos nacionais no centro da identidade da Igreja. Israel merece respeito como povo e possui enorme importância na história bíblica. Mas nenhuma nação ocupa o lugar que pertence a Cristo.

O apóstolo Paulo resumiu a essência de sua mensagem:

“Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado”.

- 1ª Coríntios 2:2

Esse deve ser também o centro da Igreja.

Não precisamos substituir a cruz pela Estrela de Davi. Não precisamos transformar a Igreja em defensora de uma bandeira. Não

precisamos odiar muçulmanos, árabes ou qualquer outro povo para demonstrar nossa fidelidade às Escrituras.

Precisamos simplesmente voltar ao Evangelho.

A cruz não precisa ser substituída. Cristo continua sendo o centro.

- Conclusão – De Volta à Cruz

Israel tem seu lugar na história da redenção. Mas Israel não é o Evangelho, Jerusalém não é o centro da Igreja e a Estrela de Davi não é a cruz de Cristo. A Igreja não foi chamada para exaltar uma bandeira, mas para anunciar um Salvador. Não foi enviada para alimentar hostilidades entre povos, mas para proclamar a reconciliação que há em Cristo.

Podemos respeitar Israel sem idolatrá-lo. Podemos reconhecer sua importância bíblica sem transformar o Estado moderno em objeto de devoção. E podemos rejeitar o Islamismo sem odiar os muçulmanos.

No fim, a pergunta é simples:

O que está no centro da nossa fé?

Que a resposta nunca deixe de ser:

Jesus Cristo, e este crucificado.

Que a cruz volte ao seu devido lugar — no centro da mensagem, da Igreja e do nosso coração.

- Apêndice – Absurdos Recentes sobre Antissemitismo

Por Dr. Samuel M. Frost

“Você é sionista?” “Você é antissionista?” Você não percebe que "os judeus" controlam o mundo? Esse tipo de sentimento parece nunca desaparecer para aqueles que se identificam como judeus. Eu não gostaria de ser judeu nesta vida. Só de dizer que você é judeu em alguns lugares da América, e certamente online, você já estará sujeito ao ódio mais virulento que se possa imaginar.

Qual é essa obsessão que as pessoas têm com os "judeus"? Ah, claro, eles não são realmente um povo como nós . Italianos são italianos, alemães são alemães e nigerianos são nigerianos. Mas judeus não são realmente judeus . Sabe por quê? As linhagens são misturadas. Para ser judeu, segundo especialistas populares da internet, é preciso um teste de DNA . Só então você pode ser "qualificado" para ser judeu.

Mas é mais do que isso. Porque, veja bem, as regras do jogo mudaram. Não existem judeus de verdade hoje em dia . Ou seja, os "judeus antigos" da época de Jesus, e antes dela, não existem mais, segundo o discurso atual de Tucker Carlson e Candace Owens. De alguma forma, eles desapareceram. Será que eles realmente existiram ? Falar de "genética" dessa forma é uma loucura para mim e remete a

uma época em que "linhagens de sangue puro" eram requisitos para pertencer a uma nação. Ideia estúpida.

Agora, deixe-me perguntar: se os judeus "bíblicos" não existem mais, e ainda assim alguém diz: "Eu não odeio judeus e não quero que Israel seja destruído como nação", então o que exatamente você não odeia? Não é um judeu, porque eles não existem. Pelo menos não são o mesmo povo "antigo" da Bíblia. Eu também não odeio duendes. Eles não existem. Mas, e se alguém estivesse alegando ser um duende, ou um judeu? Uma pessoa inexistente fingindo ser uma pessoa existente?

E se houvesse um grupo deles com direito a uma "terra" prometida por algum "deus"? Bem, teríamos que verificar as fontes dessa alegação. Adivinhe qual é a fonte? A Bíblia. Sabe, aquele livro bobo em que os "cristãos" dizem acreditar.

Hoje, alguns cristãos afirmam que os duendes... quer dizer, os "judeus" não têm direito algum à terra, simplesmente porque não são judeus. Ou seja, são o mesmo povo a quem o direito foi originalmente atribuído. Ora, se analisarmos os estudos atuais, essa antiga alegação é pura ficção. Abraão nunca existiu, nem Moisés. Nenhum "deus" jamais falou diretamente com Abraão e prometeu que seu povo herdaria uma porção de terra "para sempre". Isso nunca aconteceu. Nunca foi prometido. Alguns nômades inventaram essa história.

Não acredita em mim? É porque você não prestou atenção. No final do século XIX, acadêmicos alemães desenvolveram a ideia de que a Bíblia Hebraica é basicamente ficção. Eram os melhores e mais brilhantes, das melhores e mais brilhantes instituições da Alemanha. Um dos estudiosos mais influentes da época foi Hermann Gunkel, fundador do que hoje, nos estudos do Antigo Testamento, é chamado de "Crítica das Formas". Observe que usei a expressão "Antigo" Testamento. Um termo pejorativo. Os judeus não chamam

sua Bíblia de Antigo Testamento. Eles a chamam de Tanakh (TaNaK). A Bíblia Hebraica. Já começamos com o pé esquerdo. Paulo, em nenhum momento, chama o que ele chamava de "Escrituras" (as "Sagradas Escrituras" – ele era judeu e israelita) de algo parecido com as "antigas" Escrituras. Ele chamou a aliança com Moisés de "antiga" (no sentido de antiga, não ultrapassada). Mas a aliança com Moisés, entre várias outras feitas, era apenas uma aliança. Gênesis a Malaquias não é o Antigo Testamento. É "as Escrituras", segundo Jesus e Paulo (e Tiago). A aliança feita com Moisés há muito tempo (“antiga” ou “velha”) está nas Escrituras, mas não representa a totalidade das Escrituras. Noé não tinha conhecimento de nenhuma aliança com Moisés (e Abraão também não). Isso, claro, se você acreditar na Bíblia.

Voltando ao brilhante Gunkel. A ideia básica é que a chamada religião "hebraica" se desenvolveu por volta dos séculos VIII, VII e VI a.C. Não houve Moisés. Nem Noé. Nem Abraão. Nem Êxodo (alega-se que não há nenhuma evidência de qualquer Êxodo sob a liderança de Moisés). Nem judeus. Nem Terra Prometida. Mito. Lenda. Invenção.

Isso é assunto comum hoje em dia nas universidades do mundo todo. Sim, existiu um povo/nação nômade. Sim, existiram "reis" e coisas do tipo, e sim, eles se concentravam em Jerusalém e sim, se identificavam como o "povo escolhido" de Deus e tudo mais. Tudo invenção. Imagine a afirmação audaciosa: O Deus que criou o Universo, o Sol, a Lua, as estrelas e todas as criaturas (o que hoje é objeto de estudo da Física, Astronomia e Biologia) escolheu um povo específico. Que afirmação! Vamos nos curvar diante de um povo tão privilegiado!

Bem, acontece que essa alegação era falsa. Assim como os chamados "Profetas" que a reforçaram (os caras que alegavam ter visões e coisas do tipo vindas de seu "deus"). Foram eles, juntamente

com a estrutura de poder opressora dos "Sacerdotes", que inventaram essas alegações para "impor" seu poder sobre o povo.

Mas veja bem, hoje, desde os tempos de Gunkel, Strauss, Wellhausen, Graf, Harnack – alemães – sabemos mais. O que o eminente estudioso Gunkel tinha a dizer sobre os “judeus modernos”? “Essa prática de leitura reforçou uma apropriação supersessionista do judaísmo antigo. Van Sant oferece um modo alternativo de ler o Segundo Isaías que vai além das limitações do motivo do “novo Êxodo” e considera as tensões do exílio como insolúveis, e o cuidado divino como aberto e duradouro. Konrad Schmid apresenta a visão sempre mutável e inconsistente de Hermann Gunkel sobre o judaísmo. Schmid argumenta que, ao longo de sua vida, Gunkel continuou a mudar suas visões sobre o judaísmo à medida que oscilava em grau quanto ao seu próprio antissemitismo, embora nunca tenha se livrado do supersessionismo de sua própria convicção religiosa como protestante. Essa visão negativa do judaísmo, exemplificada em muitas citações neste artigo, continuou a contaminar a interpretação de Gunkel dos textos bíblicos em seus escritos. Anselm Hagedorn considera a relação de Gustaf Dalman com o judaísmo e os judeus, formada por uma convicção supersessionista e um engajamento na missão protestante aos judeus.

O anseio de Dalman pela Terra Santa Antiga foi exacerbado por meio da espelho da realidade histórica otomana. Como resultado, a obra de Dalman muitas vezes se baseava em tropos antissemitas e representa uma atitude “radicalmente ambivalente” (Z. Bauman) em relação aos judeus e ao judaísmo” (Arjen Bakker, Hindy Najman e Thomas Wagner. Introdução Editorial: “Anti-Judaísmo e Estudos Bíblicos”. HeBAI 14 (2025), 1–3 DOI 10.1628/hebai-2025-0002 ISSN 2192-2276 © 2025 Mohr Siebeck).

Eu poderia continuar citando inúmeros clichês, mas você entendeu a ideia. No início do século XX, a Alemanha já havia descartado qualquer noção de que a Bíblia dos judeus fosse a "palavra inspirada

de Deus", como encontrada nas Confissões de Fé Luterana e de Westminster. Eis que surge Friedrich Nietzsche.

Nietzsche atacou o cristianismo com veemência. E, com isso, os inventores do cristianismo: “os judeus”. Se a alegação judaica de ser “o povo de Deus” era falsa, então igualmente absurda era a alegação cristã de que a “igreja” havia “superado” e “herdado” essa alegação! A Igreja, fingindo ser “herdeira” das promessas feitas a “Israel”, deve ser igualmente condenada. Se a Bíblia judaica era mito, fantasia, invenção, histórias inexistentes apresentadas como “narrativas históricas” sem qualquer fundamento, então o mesmo se aplica à Bíblia cristã (os seguidores de Yeshua Ha-Meshiach, Jesus, o Messias). Considere uma frase do renomado estudioso contemporâneo, John J. Collins: “Somente estudiosos extremamente conservadores aceitariam essas datas [em Gênesis-Josué] ao pé da letra” (Introdução à Bíblia Hebraica, Terceira Edição, página 87). Adivinhe quem são os “extremamente conservadores”? Os imbecis que realmente acreditam na Bíblia como foi escrita.

Mas veja bem, os judeus ortodoxos também acreditam na Bíblia tal como foi escrita. Abraão existiu. Deus fez uma promessa de Terra Prometida, “para sempre”. E nos perguntamos por que judeus e cristãos forjaram uma relação. Agora, quando lemos o discurso insano de Hitler, chamado Mein Kampf , ele afirmou que a Bíblia Hebraica, inventada e há muito desmascarada em sua época pelos estudiosos mencionados, era bárbara. Suas leis eram estúpidas. Moisés nunca existiu. Portanto, esses “judeus” que ainda reivindicam promessas antigas e tolas também não existem. Hitler estava cercado por um mundo de erudição alemã superior. Esses não são o povo escolhido, são parasitas, ratos, banqueiros e advogados que sugam das nações para destruí-las, para que eles, os judeus, possam ascender ao poder sob a falsa alegação de serem o “povo escolhido” de Deus. E Hitler também atacou o próximo grupo que reivindicava as promessas dos judeus: os cristãos . Ora, os cristãos afirmam que somente eles são o “Povo de Deus”. A mensagem de Nietzsche é

inegável: ninguém pode fazer essa afirmação, exceto aqueles que se impõem ao poder, anulando quaisquer alegações desse tipo. Deus está morto.

Agora, tudo isso muda se, de fato, Deus, que criou os céus e a terra, falou com Abraão e Moisés, dizendo que eles existiam, que estavam vivos com Deus no céu, aguardando a ressurreição e a herança, e que os gentios também estavam incluídos nas promessas feitas a Abraão e Davi: que aqueles que têm verdadeira fé em Deus são, de fato, o povo escolhido de toda a terra, e que todas as nações falharão, exceto esta nação que Deus escolheu para si; aqueles que creem nele. O que o mundo faz com aqueles que fazem tais afirmações? Que se consideram o "Povo Escolhido de Deus"? Bem, olhe ao seu redor.

Os judeus ainda existem? Pode apostar que sim.¹

¹ Vigilante et Orate. O blog de Samuel M. Frost, Th.D. Site: <https://vigil.blog/2026/03/31/recent-anti-semitism-nonsense/> Acessado dia 28/06/2026

Referências Bibliográficas

Bíblia

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

Passagens citadas: Gálatas 3:28; Efésios 1:10; Efésios 2:14-18; Marcos 16:15; 1 Coríntios 2:2; Apocalipse 7:9.

História e Judaísmo

RHEtt, Maryanne A. “Balfour Declaration”. 1914-1918-online: International Encyclopedia of the First World War. Freie Universität Berlin, 2019.

NATIONAL LIBRARY OF ISRAEL. The Balfour Declaration. Jerusalém: National Library of Israel.

ENCYCLOPEDIA.COM. Star of David. Verbete histórico sobre a origem e o desenvolvimento do Magen David como símbolo judaico e israelense.

Novo Testamento e identidade da Igreja

BÍBLIA SAGRADA. Textos do Novo Testamento referentes à unidade entre judeus e gentios em Cristo e à centralidade de Jesus na Nova Aliança.

WRIGHT, N. T. The New Testament and the People of God. Minneapolis: Fortress Press, 1992.

WRIGHT, N. T. Paul and the Faithfulness of God. Minneapolis: Fortress Press, 2013.

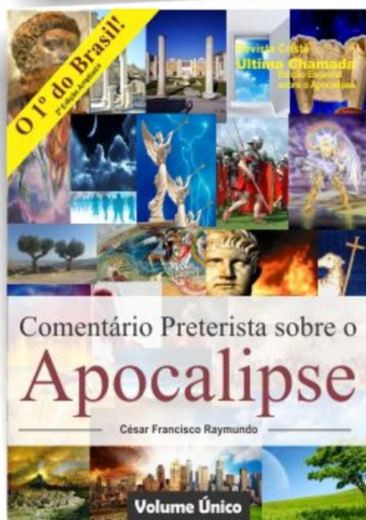
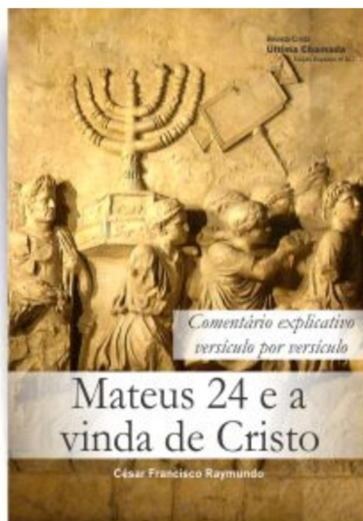
Observação

As referências acima servem como fontes de apoio histórico e teológico. O argumento principal deste livreto, entretanto, é fundamentado na própria Escritura e na centralidade de Jesus Cristo, e não em uma defesa de posições políticas contra qualquer povo ou nação.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?